

Regras que Transformam Quando o jogo é de todos



Profª Francislene de Sylos
Profº Dr. Márcio Pereira da Silva

Sistema de geração automática de fichas catalográficas

Sylos, Francislene de

Regras que transformam [recurso eletrônico] : quando o jogo é de todos / Francislene de Sylos. — Bauru, 2025.

60 p. ; PDF : il. color.

Recurso educacional derivado de dissertação de Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru. Orientado por Márcio Pereira da Silva.

1. Metodologia Callejera 2. Protagonismo feminino 3. Inclusão

REALIZAÇÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio de Mesquita Filho"

UNESP Faculdade de Ciências - FC

Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional ProEF

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior – CAPES



SUPERVISÃO GERAL

Profº. Dr. Márcio Pereira da Silva

REALIZAÇÃO

Profª Francislene de Sylos

PROJETO GRÁFICO

Profª Francislene de Sylos

REVISÃO

Profª Francislene de Sylos

Sumário

APRESENTAÇÃO ..	5
1 INTRODUÇÃO ..	6
2 EQUIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	8
3. METODOLOGIA CALLEJERA.....	10
3.1 ESTUDOS SOBRE A METODOLOGIA CALLEJERA NA EDUCAÇÃO FÍSICA	12
4 AULAS DIVERSIFICADAS	14
4.1 REFLEXÃO SOBRE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	15
4.2 KIN-BALL	20
4.3 FLAGBALL	28
4.4 SPIKEBALL.....	34
4.5 HANDEBOL	40
5 JOGOS CRIADOS PELOS ESTUDANTES A PARTIR DAS REFLEXÕES DO VÍDEO INVISIBLE PLAYERS.....	49
5.1 JOGO 1 – BOLA QUEIMADA	50
5.2 JOGO 2 – QUEIMA VELA.....	51
5.3 JOGO 3 – CORRA ATÉ A BANDEIRA.....	52
6 A INFLUÊNCIA DA METODOLOGIA CALLEJERA E DAS PRÁTICAS DIVERSIFICADAS NA PARTICIPAÇÃO ESTUDANTIL	54
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS.....	59

Este material foi desenvolvido como Recurso Educacional vinculado à dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), cursado na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Bauru. A pesquisa, intitulada Metodologia Callejera: um caminho para a valorização da participação feminina nas aulas de Educação Física, teve como objetivo analisar de que maneira essa metodologia pode contribuir para o fortalecimento da participação das alunas, promovendo práticas mais inclusivas e equitativas no ambiente escolar.

Durante o processo investigativo, foram realizadas vivências com modalidades como handebol, kin-ball, spikeball e flagball, nas quais os(as) estudantes assumiram um papel ativo nas aulas, participando de experiências que valorizam a escuta, o respeito mútuo, a cooperação e a construção coletiva do conhecimento.

O principal objetivo deste recurso é socializar os resultados da pesquisa, que evidenciam a eficácia da Metodologia Callejera na ampliação da participação feminina nas aulas de Educação Física, por meio de vivências com práticas corporais diversificadas e da criação de jogos pelos próprios estudantes, fortalecendo a inclusão, o trabalho em equipe e o protagonismo juvenil.

Essa metodologia, fundamentada na construção coletiva de regras, no jogo e na mediação como espaço de diálogo, propõe práticas que rompem com os modelos tradicionais e promovem a inclusão, o respeito e a corresponsabilidade entre os(as) estudantes. Destaca-se, ainda, a valorização do protagonismo estudantil, da equidade de gênero e da ampliação das vivências corporais, por meio da introdução de jogos pré-desportivos e da criação de jogos pelos próprios estudantes, fortalecendo a autoria, a criatividade e o trabalho coletivo.

Este recurso busca, assim, oferecer subsídios a professores(as) interessados(as) em repensar e enriquecer suas práticas pedagógicas, promovendo uma Educação Física mais democrática, participativa e transformadora.

1. INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar tem o potencial de transformar realidades, promover valores e construir espaços de aprendizagem mais inclusivos e significativos. No entanto, ainda é comum encontrarmos práticas pedagógicas que reforçam estereótipos de gênero, limitam a participação de determinados grupos e reduzem a diversidade de experiências corporais nas aulas.

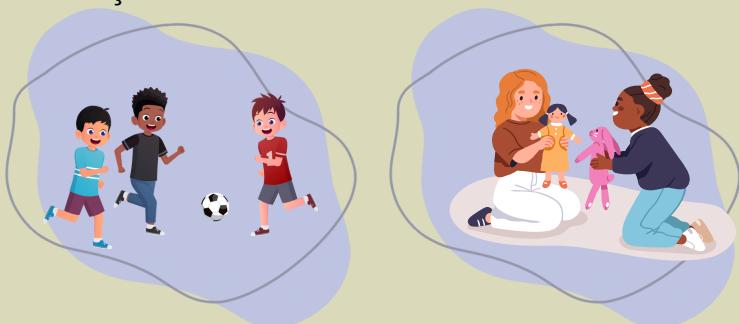
Historicamente, as aulas de Educação Física reproduziram modelos que privilegiavam a força, a competição e o rendimento, muitas vezes direcionando essas vivências majoritariamente aos meninos. Em contrapartida, as meninas frequentemente foram relegadas a papéis passivos, atividades menos valorizadas ou excluídas de determinadas práticas por suposta “falta de habilidade” ou por construções sociais que associam o corpo feminino à fragilidade ou à desatenção esportiva.

Essa divisão simbólica e prática ainda se manifesta em muitas escolas, resultando em desigualdade de oportunidades, baixa autoestima entre alunas e a perpetuação de comportamentos discriminatórios. Nesse contexto, torna-se urgente repensar as metodologias utilizadas nas aulas de Educação Física, de modo que elas favoreçam a participação ativa de todos os estudantes, rompendo com práticas excludentes e promovendo vivências que estimulem a colaboração, a escuta, o respeito às diferenças e o reconhecimento das potencialidades individuais e coletivas. Como afirmam Mariano e Altmann (2016), “intervenções menos polarizadas produziram relações de gênero menos hierarquizadas e desiguais entre as crianças, constituindo meninos e meninas como capazes de aprender e vivenciar o corpo e os gestos de forma ampla e diversificada”.

2.EQUIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Promover a equidade de gênero nas aulas de Educação Física é um desafio urgente diante das desigualdades historicamente reproduzidas nesse espaço. A separação entre meninos e meninas, a ênfase em práticas tradicionalmente associadas ao universo masculino e a pouca valorização das vivências corporais das alunas têm contribuído para sua baixa participação e engajamento nas aulas. Para Daolio (2006), tais distinções não são naturais, mas construídas socialmente, sustentadas por normas culturais e estereótipos que determinam o que é considerado adequado para cada gênero.

Diante desse cenário, torna-se necessário repensar as práticas pedagógicas, e é nesse contexto que a Metodologia Callejera se apresenta como uma proposta inovadora, que busca romper com modelos excludentes e favorecer a inclusão e o protagonismo feminino nas aulas de Educação Física.



De acordo com Belmonte (2019) e Castro (2018), a Metodologia Callejera tem origem no Fútbol Callejero, cuja proposta pedagógica transcende o futebol e pode ser aplicada a diferentes contextos educativos. Estruturada em três momentos — definição coletiva das regras, realização do jogo e roda de conversa —, a metodologia favorece a escuta ativa, o respeito mútuo e a cooperação, contribuindo para uma participação mais equitativa entre os(as) estudantes.

No entanto, sua implementação ainda enfrenta desafios, especialmente relacionados à resistência cultural e à permanência de modelos tradicionais centrados na performance esportiva. Como aponta Duran (1999), a esportivização das aulas é um dos principais fatores que reforçam os estereótipos de gênero, restringindo a participação das alunas. Nesse sentido, o estudo de Oliveira et al. (2014) revelou que 38,6% das alunas não participavam das aulas por não se identificarem com os esportes propostos, enquanto 34% afirmaram que participariam mais se os conteúdos fossem mais diversificados. Esses dados evidenciam a importância de práticas pedagógicas variadas e dinâmicas, capazes de contemplar diferentes interesses e promover maior engajamento dos(as) estudantes.

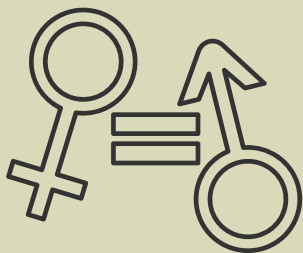


38,6% das alunas não participavam das aulas por não gostarem de esportes.



34% das alunas afirmaram que participariam das aulas se os conteúdos fossem mais diversificados.

Portanto, promover a equidade de gênero na Educação Física exige a superação de práticas excludentes e a adoção de metodologias inclusivas como a Callejera, capazes de transformar o espaço escolar em um ambiente mais justo, democrático e participativo para todos.



Dessa forma, assegurar a equidade de gênero na Educação Física constitui não apenas uma exigência pedagógica, mas um imperativo ético e social, indispensável à formação de sujeitos críticos e à consolidação de uma educação comprometida com a justiça e a inclusão.

3. METODOLOGIA CALLEJERA

Inspirada no Fútbol Callejero — prática que surgiu em 1994, no bairro de Moreno, em Buenos Aires (ROSSINI et al., 2012; VAROTTO et al., 2018) —, a Metodologia Callejera destaca-se por seu caráter inclusivo e democrático, além de favorecer a equidade de gênero e a valorização da diversidade no contexto escolar.

Criada por Fabián Ferraro, ex-jogador e líder comunitário, a proposta surgiu como resposta aos conflitos entre gangues juvenis, utilizando o futebol de rua como ferramenta para o diálogo e a pacificação social. Ao observar interações mais respeitosas entre os jovens durante os jogos, Ferraro reformulou o formato tradicional da prática esportiva: retirou os árbitros e os uniformes, e passou a incentivar que os próprios jogadores construíssem, de forma coletiva, as regras do jogo. Além disso, introduziu um terceiro momento na partida, destinado à reflexão sobre os valores vivenciados durante a prática.

Como explicam Rossini et al. (2012), citados por Varotto, Gonçalves Junior e Lemos (2017), a metodologia se diferencia do futebol convencional por ser estruturada em três tempos: “meninas e meninos jogam juntos, não participam árbitros/as e as partidas se dividem em três tempos. No primeiro tempo, as equipes estabelecem as regras do jogo em conjunto e de maneira consensual; no segundo tempo, se joga a partida; e no terceiro tempo, todos/as os/as jogadores/as dialogam sobre o desenvolvimento do jogo e se houve respeito às regras acordadas mutuamente” (p. 93).

1º tempo



2º tempo



3º tempo



Fonte: Imagem autoral transformada com uso de IA

Integrada ao contexto escolar, a Metodologia Callejera contribui para uma aprendizagem centrada na participação de todos(as), fortalecendo o diálogo, o respeito mútuo e a inclusão nas aulas de Educação Física.

3.1 ESTUDOS SOBRE A METODOLOGIA CALLEJERA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Diversos estudos destacam como a Metodologia Callejera contribui para tornar as aulas de Educação Física mais inclusivas e críticas. Em suas pesquisas, Moraes e Couto (2021), Oliveira Filho et al. (2022) e Oliveira et al. (2020) analisaram como essa abordagem impacta o ambiente escolar ao abordar questões de gênero, atitudes cooperativas e transformação social por meio do esporte.

Moraes e Couto (2021), em uma turma do 5º ano, identificaram duas categorias principais durante a aplicação da metodologia: a primeira, marcada pela valorização excessiva da competição

("Mas ele ééé boooooom!")

e a segunda, que refletia estereótipos de gênero

("As meninas ficam fazendo unha").

Ao longo do processo, observou-se um aumento na valorização da participação coletiva e do respeito, promovendo a superação desses estereótipos e incentivando o protagonismo feminino.

Já Oliveira Filho, Varotto e Lemos (2022) aplicaram a metodologia no ensino do basquetebol com estudantes do Ensino Médio. No início, o ambiente era marcado por machismo e competição. Com a construção coletiva das regras e os momentos de diálogo, surgiram

reflexões sobre solidariedade e justiça no jogo, tornando a prática mais inclusiva e educativa.

Por fim, Oliveira, Grifoni e Varotto (2020) investigaram a participação de meninas no Futebol Callejero em turmas do 9º ano. As falas das alunas evidenciaram dilemas entre jogar ou observar, avanços no protagonismo e a necessidade de respeito durante o jogo.

entre jogar ou observar, avanços no protagonismo e a necessidade de respeito durante o jogo.

A pesquisa mostrou que a metodologia estimulou a expressão das meninas, valorizou suas vozes e incentivou o debate sobre poder e gênero na escola. Essas investigações reforçam que a Metodologia Callejera é uma ferramenta potente para promover a equidade de gênero, a cooperação e o desenvolvimento de atitudes críticas nas aulas de Educação Física.

4. AULAS DIVERSIFICADAS

A diversificação das aulas de Educação Física tem se mostrado essencial para promover a inclusão e estimular a participação ativa de todos os estudantes, independentemente de suas habilidades. Nesse contexto, a pesquisa de Corrêa (2021) destaca que 53,3% dos estudantes reconhecem que a inserção de diferentes práticas esportivas ajuda a reduzir o afastamento das aulas, contribuindo para uma Educação Física mais inclusiva e motivadora.

Modalidades como handebol, kin-ball, spikeball e flagball podem ampliar o interesse e o engajamento, criando um ambiente mais colaborativo, respeitoso e democrático.

A seguir, apresento 18 aulas diversificadas aplicadas durante a minha pesquisa.

4.1 REFLEXÃO SOBRE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Aulas 1 e 2

A participação das meninas nas aulas de Educação Física ainda é marcada por desigualdades e estereótipos que limitam suas experiências esportivas. Muitas vezes, certos esportes são vistos como “de menino”, enquanto falta incentivo para que as meninas ocupem esses espaços com liberdade.

Para estimular uma discussão crítica, a aula foi conduzida com perguntas reflexivas, a exibição do vídeo “Invisible Players” (ESPN) e um debate coletivo. A atividade despertou nos estudantes um olhar mais atento às diferenças de gênero no esporte e à necessidade de práticas mais inclusivas e igualitárias.

VÍDEO INVISIBLE PLAYERS



Desenvolvimento da aula: Inicie a aula perguntando

“Vocês já perceberam diferenças na participação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física?”



Fonte: Canva, (2025)

Quais esportes vocês acham que são mais praticados por meninos? E por meninas? Por quê?”

Peça para que os estudantes compartilhem e registrem as respostas no quadro, incentivando a refletirem sobre suas percepções e experiências.

A partir dessas considerações iniciais, exiba o vídeo e depois promova um debate guiado com as seguintes perguntas:



“Do que se tratava o vídeo “Invisible Players”?

“Você ficou surpreso em saber que eram atletas mulheres”?

“Você lembrou o nome de alguma atleta mulher”?

“O que o vídeo mostra sobre a participação das mulheres no esporte?”

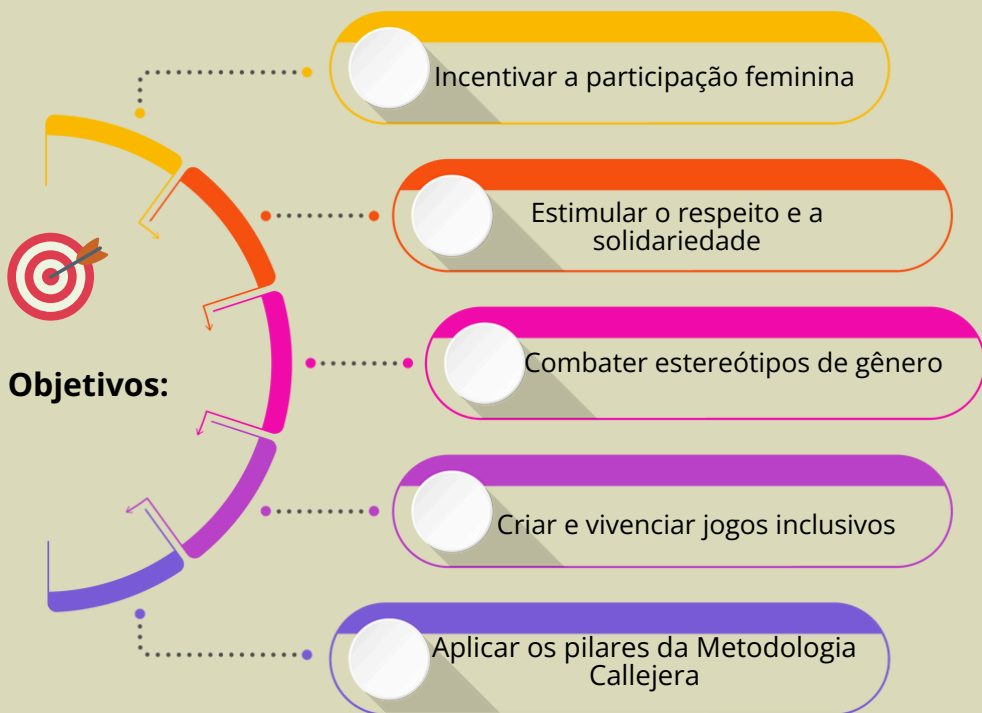
“Vocês acham que algo semelhante acontece na escola? Como podemos mudar essa realidade?”

“De que maneira as regras e a organização das aulas de Educação Física podem influenciar a participação de meninos e meninas?”

Desenvolvimento da aula: Divida a turma em grupos e proponha a criação de um jogo. Peça para que os grupos criem regras para a participação efetiva de todos, como rodízio de funções e até mesmo a pontuação baseada na colaboração. Coloque esses jogos em prática e no final faça uma roda de conversa para discutir como foi a experiência e se perceberam mudanças na participação em relação às aulas tradicionais.



Duração da aula: 1 h 30 minutos (duas aulas)



Criação de jogos;

Metodologia

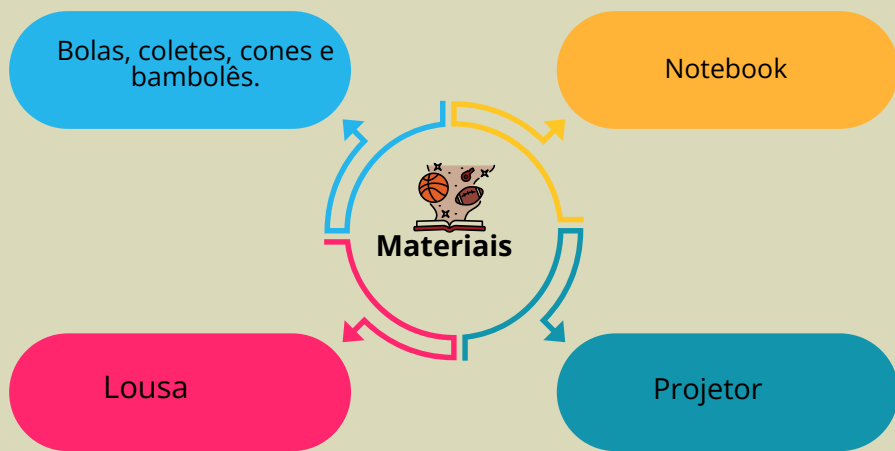
Debate sobre o vídeo;



Expectativa de Aprendizagem

Reconhecer a importância da participação feminina nas aulas de Educação Física, compreendendo os desafios enfrentados e adotando atitudes que favoreçam a equidade e a inclusão no ambiente esportivo;

Analisar criticamente os estereótipos de gênero no esporte, refletindo sobre como eles influenciam a participação dos estudantes e desenvolvendo comportamentos baseados no respeito e na solidariedade.



Avaliação

Avalie se os estudantes entenderam o tema principal do vídeo *"Invisible Players"* e conseguiram captar a mensagem transmitida.

Análise se os estudantes demonstraram empatia ao discutir a participação das meninas no esporte e se foram capazes de refletir sobre a importância da igualdade de gênero nesse contexto.

Observe e registre a participação ativa de todos os estudantes no grupo, analisando como colaboram na construção coletiva dos jogos. Considere o envolvimento na tomada de decisões, o respeito às opiniões dos colegas e a contribuição para a organização e execução das atividades propostas.

4.2 - KIN-BALL

Criado no Canadá em 1986 por Mario Demers, o Kin-Ball tem como principal objetivo promover a cooperação e a inclusão. Jogada com uma bola grande e três equipes ao mesmo tempo, a modalidade estimula o trabalho em equipe, o respeito e a participação ativa de todos.

A seguir, você encontrará atividades que desenvolvem habilidades relacionadas ao Kin-Ball, incluindo sua prática adaptada.

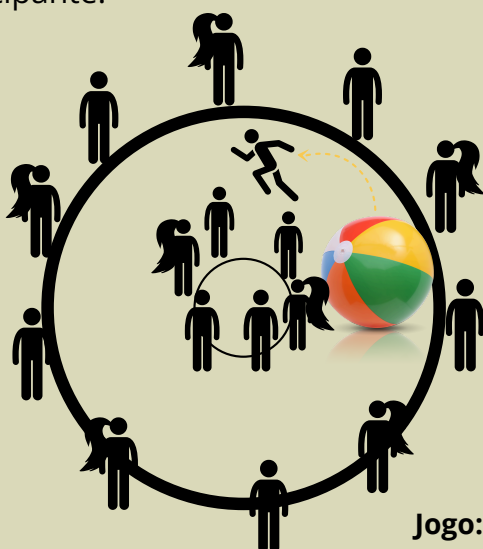


Fonte: Elaborado pela autora com uso de Inteligência Artificial

Aulas 3 e 4

Antes de iniciar o kin-ball, foram aplicados dois jogos preparatórios com foco em habilidades semelhantes e na comunicação em grupo, facilitando a familiarização dos estudantes com as movimentações do jogo.

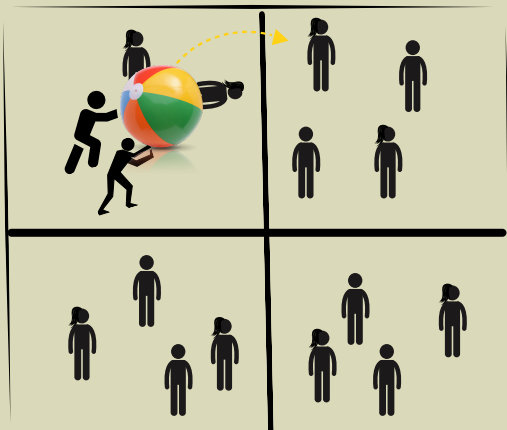
Desenvolvimento da aula: Jogo do Indiana Jones: Os participantes se organizam em dois círculos concêntricos. No círculo interno, uma bola grande é passada entre os jogadores, com o objetivo de acertar aquele que estiver correndo ao redor do círculo externo. Quando atingido, o estudante deve retornar ao seu lugar e o jogo continua com outro participante.



Jogo: Indiana Jones

Volei Cooperativo: Divida a quadra de vôlei em 4 espaços. Coloque uma equipe em cada espaço. A bola precisa ser lançada por cima da rede para qualquer lado. Todos os estudantes deverão lançar bem como receber a bola. O ponto é válido quando a bola cair no chão. Vence a equipe que fizer 10 pontos.

Volei Cooperativo



Fonte da Autora



Duração da aula: 1 h 30 minutos (duas aulas)

Objetivos:

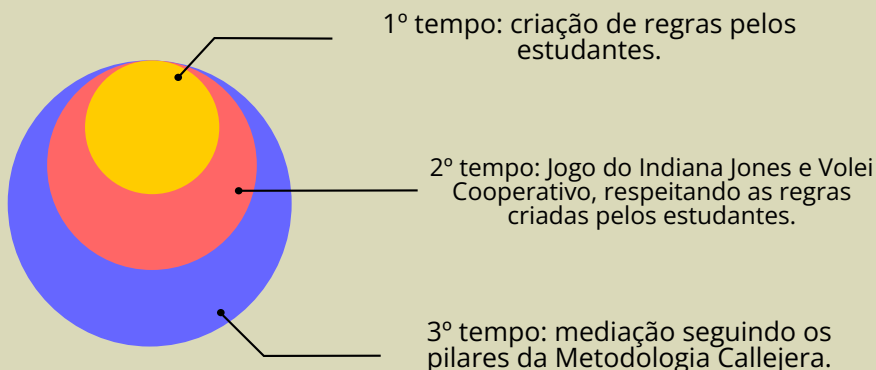
Comunicar e cooperar entre estudantes

Aperfeiçoar habilidades motoras (deslocamento, controle de bola, percepção espacial)

Vivenciar jogos com equipes mistas, regras coletivas e mediação pelos pilares da Metodologia Callejera

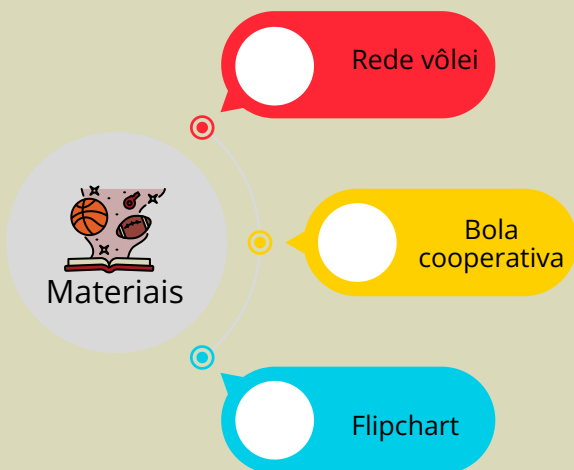


Metodologia Callejera



Expectativa de Aprendizagem

Os estudantes deverão demonstrar maior familiaridade com as movimentações como deslocamento rápido, recepção e controle de bola em equipe e compreensão da importância da cooperação e da comunicação para o uso de estratégias coletivas nos jogos.





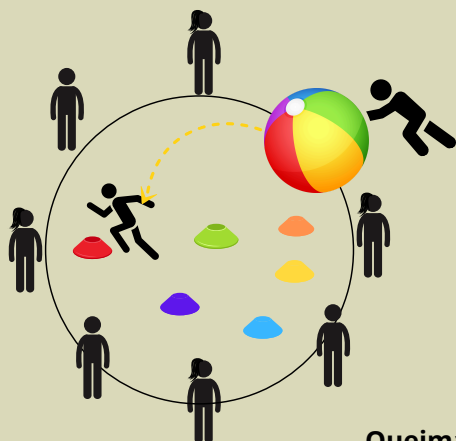
Avaliação:

Durante os jogos, observe a comunicação, cooperação e adaptação dos estudantes às estratégias e movimentações do kin-ball. Ao final, faça uma roda de conversa para promover reflexões sobre o trabalho em equipe, as habilidades desenvolvidas e os valores da Metodologia Callejera.

Aulas 5 e 6

Mesmo com as habilidades já desenvolvidas, esta aula retoma os conceitos do kin-ball por meio da queimada, adaptada com nova organização espacial para reforçar os aprendizados.

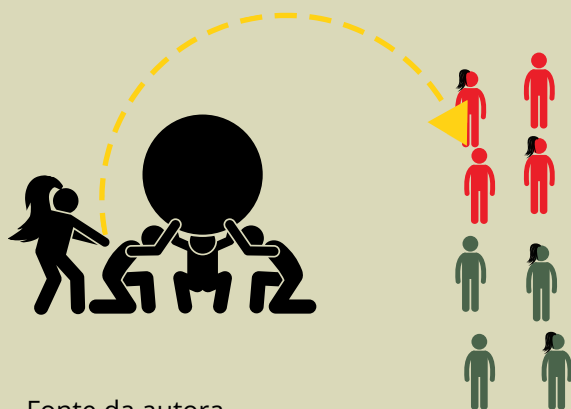
Desenvolvimento da aula: Queimada em círculo - os estudantes se posicionam em um círculo, e dentro deste círculo podem ser colocados de 4 a 6 pratinhos demarcatórios ou cones. O participante no centro do círculo tem como objetivo pegar todos os pratinhos/cones sem ser atingido pela bola. Enquanto isso, os estudantes que formam o círculo devem lançar a bola na tentativa de queimar o jogador no centro. Após a queima ou a coleta de todos os objetos, o estudante no centro é trocado. Caso o estudante do centro for queimado, há uma substituição para dar continuidade ao jogo.



Queimada em círculo

Fonte da autora

O jogo do Kin-Ball é disputado com uma bola gigante e três equipes de cores diferentes. A dinâmica consiste em manter a bola no ar: a equipe com a posse grita a cor de outra equipe e lança a bola. A equipe chamada deve impedir que ela caia. Se a bola tocar o chão, perde pontos. Vence quem somar mais pontos ao final.



Jogo do Kin Ball

Fonte da autora



Duração da aula: 1 h 30 minutos (duas aulas)



Objetivos:

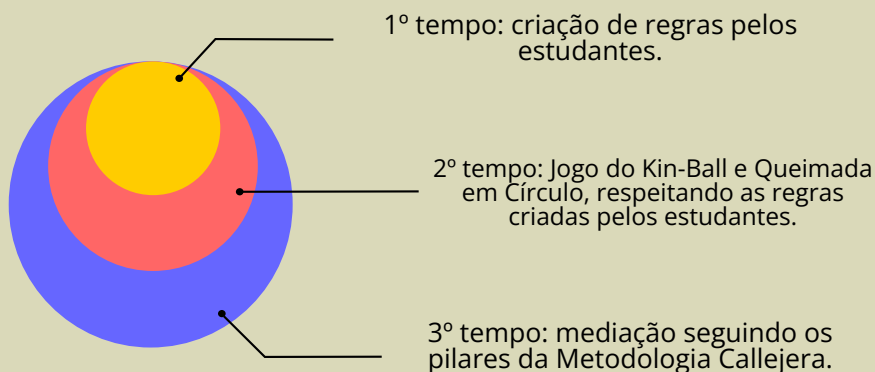
Apresentar o Kin-Ball como jogo coletivo e cooperativo

Estimular a comunicação eficiente durante as jogadas

Vivenciar o jogo com equipes mistas, regras compartilhadas e mediação pela Metodologia Callejera



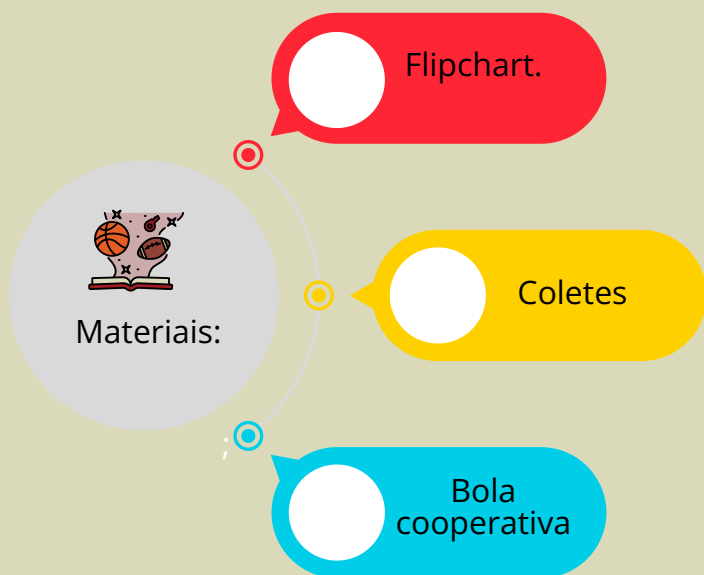
Metodologia Callejera



Expectativa de Aprendizagem

Espera-se que os estudantes desenvolvam habilidades motoras por meio de jogos coletivos, como passes, recepções e deslocamentos.

Além disso, devem demonstrar trabalho em equipe, uso de estratégias coletivas e comunicação eficiente, reconhecendo a importância da cooperação para atingir os objetivos propostos.



Avaliação:

Observe a participação dos estudantes nas atividades e no jogo de Kin-Ball, analisando a aplicação dos fundamentos, o trabalho em equipe e o uso de estratégias táticas. Registre interações que evidenciem esses aspectos e colete o feedback dos estudantes sobre a vivência dos valores da Metodologia Callejera

4.3 FLAGBALL

O Flagball, uma versão sem contato físico do futebol americano, surgiu nos EUA entre 1940 e 1950 para tornar o esporte mais inclusivo e seguro. Os jogadores usam cintos com fitas (flags) e a jogada é interrompida ao puxar uma dessas fitas, destacando estratégia, velocidade e trabalho em equipe.



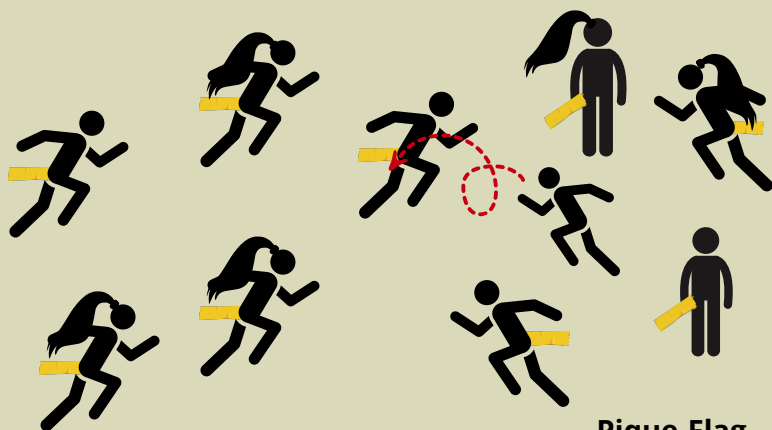
Fonte: Elaborado pela autora com uso de Inteligência Artificial

Aulas 7 e 8

Aqui, você conhecerá dois jogos que combinam estratégia, movimento e habilidade: Pique-Flag e Jogo de Invasão. As atividades foram elaboradas para estimular agilidade, cooperação e tomada de decisão.

Desenvolvimento da aula: Pique-Flag: Um estudante é designado como o “pegador”, que não possui flags. Ao sinal do professor(a), todos os estudantes devem fugir do pegador, que tentará retirar as flags dos colegas em movimento.

As flags retiradas ficarão com o pegador. O primeiro estudante que perder ambas flags torna-se o novo pegador, reiniciando o jogo.



Pique-Flag

Fonte da autora

Jogo de Invasão: Forme um círculo com cones. Um estudante é o defensor dentro da área delimitada, enquanto os demais tentam invadir o espaço sem perder suas flags. Se o defensor retirar a flag de um invasor, eles trocam de função. Caso o invasor atravessasse com sucesso, pode tentar novamente.

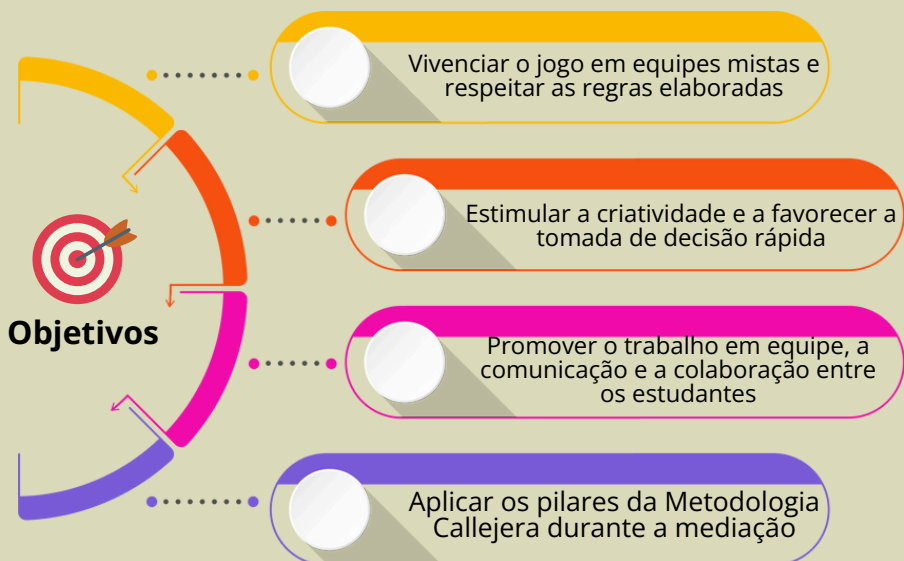


Fonte da autora

Jogo de Invasão



Duração da aula: 1 h 30 minutos (duas aulas)



Metodologia Callejera



Expectativas de aprendizagem

Os estudantes vivenciarão a construção coletiva de regras, desenvolvendo autonomia e pensamento crítico, além de reconhecerem a importância da colaboração, do respeito mútuo e do fair play para um ambiente inclusivo.

Cones



Materiais

Fitas Tnt



Avaliação

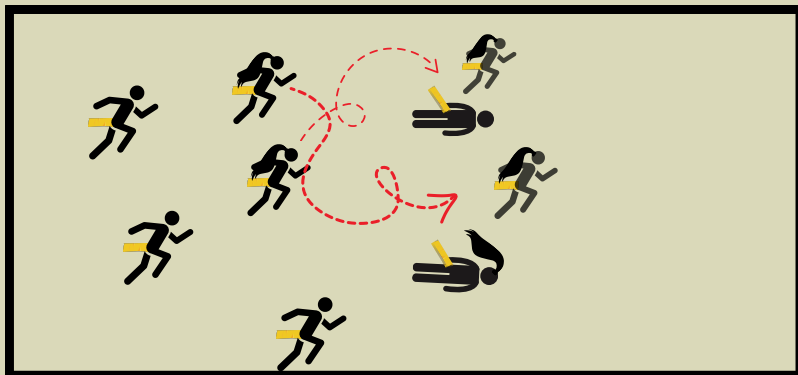
Proponha uma roda de conversa para que os estudantes reflitam sobre sua participação, os desafios vivenciados e como perceberam a aplicação dos valores da Metodologia Callejera nas atividades.

Aulas 9 e 10

Esta aula propõe jogos que desenvolvem agilidade, estratégia e trabalho em equipe. No Jogo da Travessia, os estudantes trocam de papel ao serem pegos pelos pegadores, que retiram as fitas.

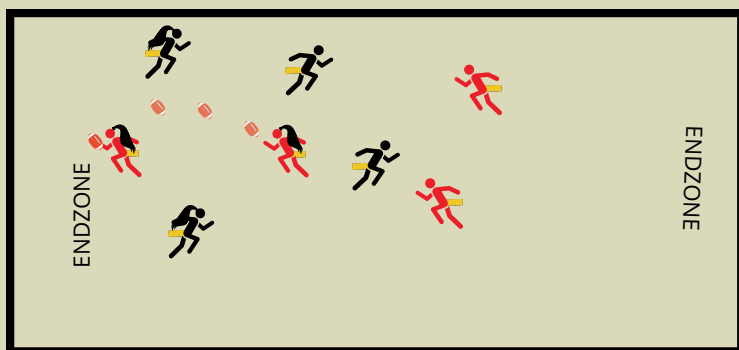
Já no Flagball, a estratégia para marcar touchdowns sem contato físico é o foco, promovendo a colaboração. Ambas atividades incentivam a comunicação, liderança e o respeito às regras construídas pelos alunos.

Desenvolvimento da aula: Os estudantes atravessam de um lado ao outro enquanto dois pegadores tentam puxar as fitas presas às suas laterais. Quem tiver a fita retirada troca de lugar com o pegador.



Jogo da Travessia

Jogo de Flagball: O objetivo é avançar no campo com a bola e marcar touchdowns, evitando que os adversários retirem as fitas presas à cintura, substituindo o contato físico. O jogo começa com um passe do centro para o quarterback, que pode correr ou passar a bola. Os adversários devem puxar as flags para interromper a jogada. O time tem 4 tentativas (downs) para avançar; se não conseguir, a posse vai para o outro time. Vence quem fizer mais pontos.



Jogo de Flagball

Fonte da autora



Duração da aula: 1 h 30 minutos (duas aulas)



Objetivos:

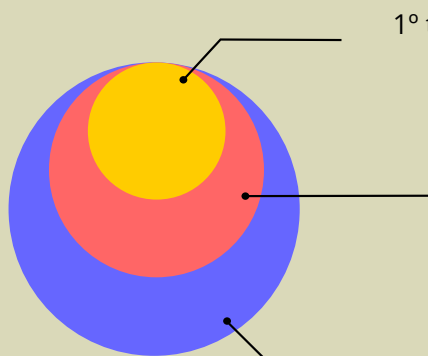
Incentivar a liderança, a comunicação e o respeito na criação das regras

Valorizar o fair play e a inclusão nas equipes mistas

Mediar o jogo com base nos princípios da Metodologia Callejera



Metodologia Callejera



1º tempo: criação de regras pelos estudantes.

2º tempo: Jogo do Flagball e da Travessia, respeitando as regras criadas pelos estudantes.

3º tempo: mediação seguindo os pilares da Metodologia Callejera.



Expectativa de aprendizagem

Espera-se desenvolver a liderança, a responsabilidade e a participação ativa dos estudantes, por meio da construção coletiva de regras e estratégias, promovendo a comunicação, a colaboração, o fair play e o respeito em um ambiente inclusivo.

Cones

Fitas

Bolas de
futebol
americano

Materiais:



Avaliação

Observação do comportamento dos estudantes durante os jogos e roda de conversa final, com foco na cooperação, respeito, solidariedade e aplicação dos valores da Metodologia Callejera.

4.4 SPIKEBALL

O Spikeball, criado nos EUA na década de 1980, foi popularizado nos anos 2000. Jogado em duplas com uma rede circular no chão, o objetivo é rebater a bola para dificultar a devolução do adversário. A modalidade exige agilidade, estratégia e reflexos rápidos.

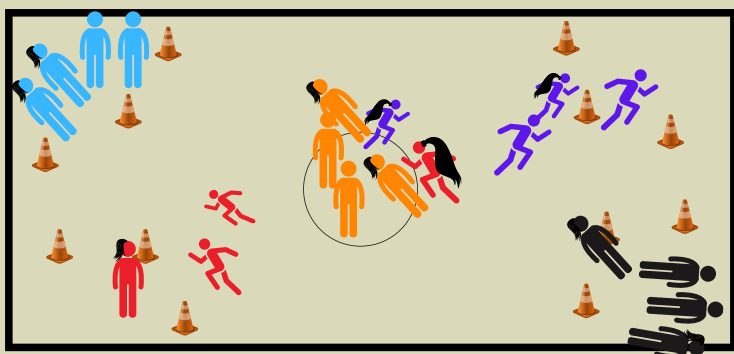


Fonte: Elaborado pela autora
com uso de Inteligência
Artificial

Aulas 11 e 12

Nesta aula, os estudantes vivenciarão dois jogos dinâmicos: no Quatro Cantos, trabalharão raciocínio rápido e movimentação; no Jogo dos 4 Círculos, precisarão de precisão e estratégia para avançar.

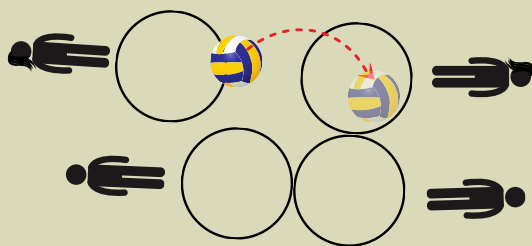
Desenvolvimento da aula: Jogo Quatro Cantos: Em equipes de quatro a cinco participantes, os estudantes ocupam cantos delimitados, enquanto uma equipe fica no centro. Ao sinal do professor, todos trocam de canto e a equipe central tenta ocupar um dos espaços. Quem ficar sem canto vai para o centro.



Fonte da autora

Quatro Cantos

Jogo dos 4 Círculos: Cada jogador ocupa um bambolê e deve quicar a bola no centro, seguindo a ordem estabelecida. Após cada jogada, recua seu bambolê. Quem errar é eliminado, e vence o último jogador restante.



Jogo dos 4 Círculos

Fonte da autora



Duração da aula: 1 h 30 minutos (duas aulas)

Objetivos



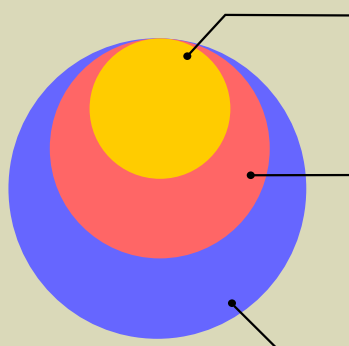
Participar ativamente em equipes mistas, com respeito às regras elaboradas pelo grupo.

Compreender e propor soluções durante o jogo, tomando decisões rápidas e eficazes.

Praticar habilidades como agilidade, precisão e deslocamentos.

Incorporar os pilares da Metodologia Callejera, valorizando cooperação, respeito e inclusão.

Metodologia Callejera



1º tempo: criação de regras pelos estudantes.

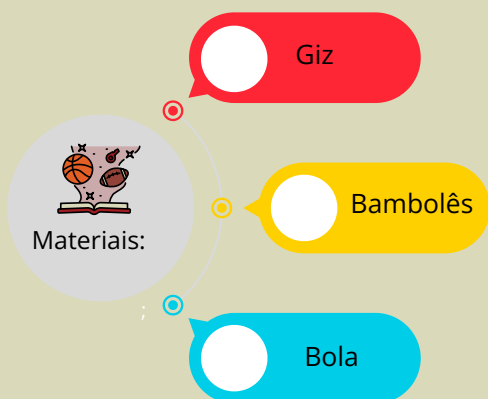
2º tempo: Jogo dos 4 Círculos e dos 4 Cantos, respeitando as regras criadas pelos estudantes.

3º tempo: mediação seguindo os pilares da Metodologia Callejera.



Expectativa de aprendizagem

Espera-se que os estudantes valorize o trabalho em equipe, coopere, respeite regras coletivas e adapte suas estratégias com raciocínio rápido durante os jogos.



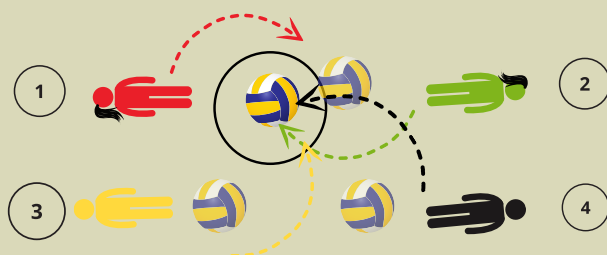
Avaliação

Os estudantes serão avaliados por meio de uma roda de conversa, onde compartilharão como vivenciaram os valores da Metodologia Callejera, as estratégias usadas e os desafios enfrentados nas atividades.

Aulas 13 e 14

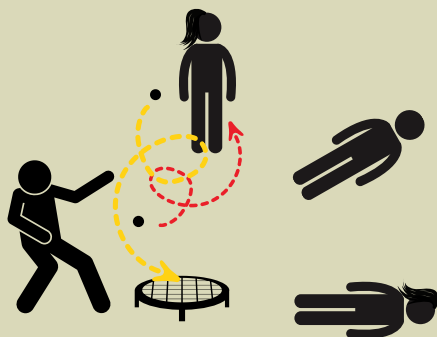
Nesta aula, os estudantes explorarão jogos que envolvam precisão, estratégia e trabalho em equipe. As atividades promovem participação ativa, respeito às regras e adaptação, incentivando a criação de estratégias para melhorar a atuação durante os jogos.

Desenvolvimento da aula: Jogo sequencial: faça um círculo com giz. Em cada círculo jogam de 3 a 4 estudantes. Acerte a sequência entre os participantes. O primeiro participante deverá jogar a bola dentro desse círculo e o próximo deverá pegar essa bola. Aquele que não conseguir fazer a recepção e dar continuidade ao jogo sairá da partida. Vence aquele que ficar por último.



Fonte da autora **Jogo sequencial**

Jogo de Spikeball: O objetivo é rebater a bola na rede para que o adversário não consiga devolvê-la. Cada equipe tem até três toques e pode se mover livremente ao redor da rede. Vence quem atingir 21 pontos com dois de vantagem.



Jogo de Spikeball

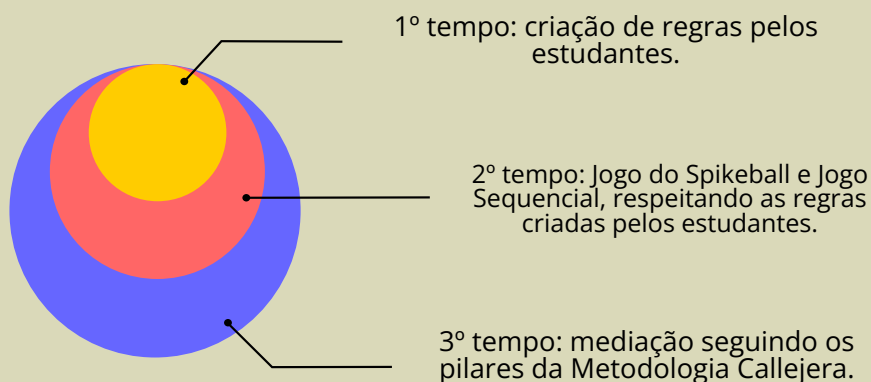
Fonte da autora



Duração da aula: 1 h 30 minutos (duas aulas)



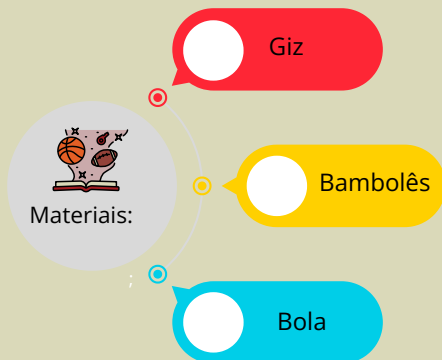
Metodologia Callejera





Expectativa de Aprendizagem

Espera-se que os estudantes desenvolvam criatividade, autonomia e habilidades interpessoais ao criar e adaptar as regras do Spikeball, promovendo um ambiente de cooperação, respeito e participação igualitária.



Avaliação

Observação da cooperação, respeito e solidariedade dos estudantes durante as atividades, seguida de feedback e reflexão em grupo sobre a aplicação dos valores da Metodologia Callejera.

4.5 HANDEBOL

O handebol foi criado por Karl Schelenz, um professor de Educação Física alemão, no início do século XX. Ele desenvolveu o esporte como uma adaptação do futebol para ser jogado em ginásios durante o inverno, quando as condições para a prática de esportes ao ar livre eram limitadas.

Schelenz buscava uma atividade que mantivesse os benefícios do futebol, mas em um ambiente fechado e adequado para todas as idades e níveis de habilidade. A primeira versão do handebol, chamada de “handball”, foi formalizada por Schelenz em 1917, e com o tempo passou a ser popularizada em diversos países.



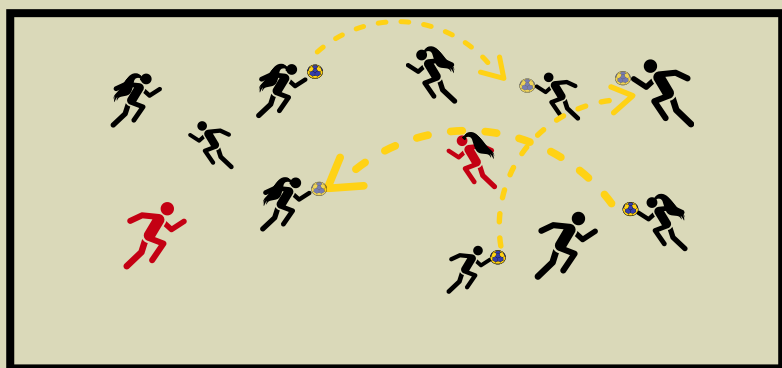
Fonte: Elaborado pela autora com uso de Inteligência Artificial

Aulas 15 e 16

Nesta aula, os estudantes terão a oportunidade de integrar a brincadeira tradicional do pega-pega com fundamentos essenciais do handebol, como o passe. A proposta é unir a brincadeira popular com a prática de habilidades do esporte, promovendo o aprendizado de forma dinâmica e envolvente.

Já o segundo jogo, bola no cone, reunirá aspectos defensivos e delimitação de espaço, incentivando os estudantes a protegerem e derrubarem cones de maneira colaborativa. A aula será conduzida com base nos princípios da Metodologia Callejera, permitindo que os estudantes participem ativamente da criação e do respeito às regras do jogo, ao mesmo tempo em que desenvolvem a colaboração e o trabalho em equipe.

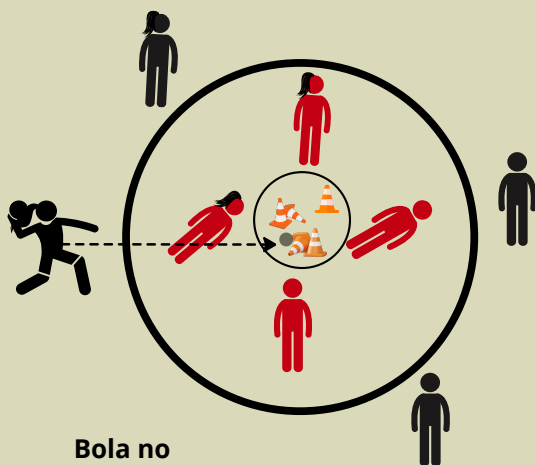
Desenvolvimento da aula: Pega-pega com bola – Distribua 6 a 8 bolas entre os participantes. Escolha um estudante para começar como pegador. Seu objetivo é tentar pegar os colegas que estão com a posse de bola. Os demais participantes devem correr pelo espaço, fazendo passes entre si para evitar serem pegos. O estudante que estiver com a bola deve driblar e passá-la para o outro colega antes de ser tocado pelo pegador. Se o estudante com a bola for tocado, ele se torna o novo pegador e o jogo continua.



Fonte da autora

PEGA-PEGA COM BOLA

Bola no cone - Desenhe dois círculos no chão, um menor com cones e um maior onde os estudantes se posicionam. Os estudantes dentro do círculo maior devem proteger os cones enquanto os de fora tentam derrubá-los com a bola. Os estudantes devem cooperar e trabalhar em equipe para proteger ou derrubar os cones. Vence a equipe que derrubar todos os cones do adversário.



Fonte da autora



Duração da aula: 1 h 30 minutos (duas aulas)



Objetivos:

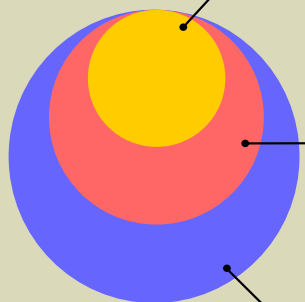
Jogar respeitando regras construídas pelo grupo e os pilares da Metodologia Callejera.

Estimular o trabalho em equipe e o respeito aos colegas durante os jogos.

Fortalecer os vínculos e o respeito ao grupo por meio da participação ativa.



Metodologia Callejera



1º tempo: criação de regras pelos estudantes.

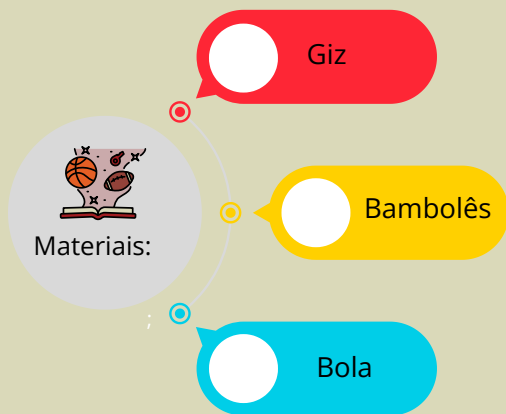
2º tempo: Jogo Pega-Pega com bola e Bola no Cone, respeitando as regras criadas pelos estudantes.

3º tempo: mediação seguindo os pilares da Metodologia Callejera.



Expectativa de Aprendizagem

Espera-se que os estudantes colaborem entre si, respeitem as regras e reflitam sobre a importância do trabalho em equipe, da cooperação e do respeito mútuo.



Avaliação

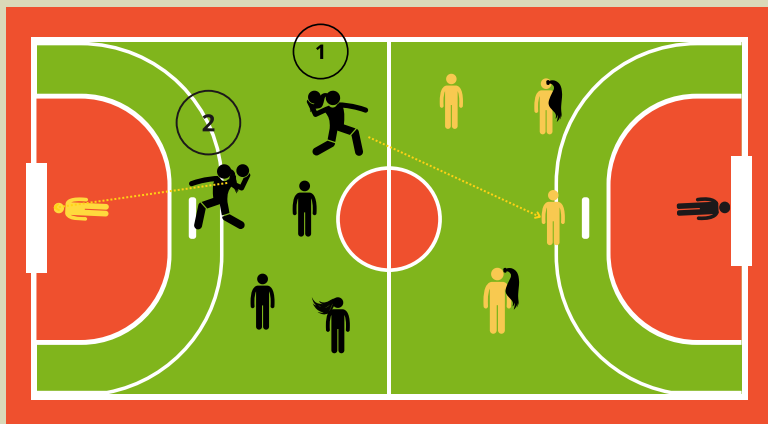
Os estudantes participarão de uma discussão em grupo para refletir sobre os valores da Metodologia Callejera, destacando a comunicação, o trabalho em equipe e as estratégias defensivas vivenciadas nas atividades.

Aulas 17 e 18

Nesta aula, os estudantes terão a oportunidade de vivenciar o jogo de handebol de forma lúdica, por meio da adaptação da queimada, chamada “Queimada Hand”. As equipes competem com a missão de marcar gols, mas também precisam se defender com a participação dos “coveiros” (goleiros) no gol.

Além disso, a dinâmica do jogo de handebol será aplicada, com regras ajustadas pelos próprios estudantes de acordo com a Metodologia Callejera, permitindo que todos participem ativamente e desenvolvam habilidades de passe, arremesso e drible.

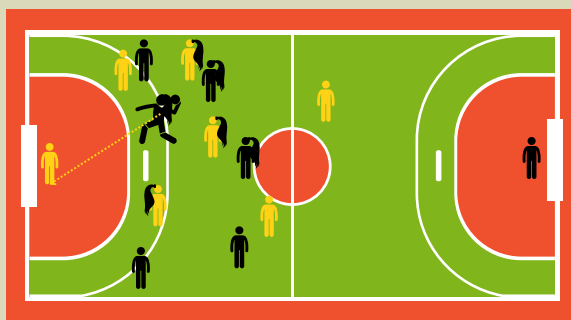
Desenvolvimento da aula: Queimada Hand: Divida os estudantes em duas equipes. As regras seguem um padrão semelhante à queimada tradicional. A principal diferença é que na queimada hand, os “coveiros” se posicionam no gol e são responsáveis pelas defesas. Se uma equipe marcar um gol, ela poderá retirar um jogador e colocá-lo na área do coveiro (goleiro). Portanto, existem duas formas de eliminar um jogador adversário: a maneira tradicional, jogando a bola no corpo do oponente, ou arremessando a bola no gol.



Fonte da autora

Queimada Hand

Jogo de handebol: Objetivo: Marcar gols arremessando a bola na meta adversária. Cada equipe tem sete jogadores (seis na linha e um goleiro). Os jogadores podem dar até três passos segurando a bola ou quicá-la no chão antes de passar ou arremessar. O tempo deve se estipulado pelos estudantes durante o desenvolvimento da Metodologia Callejera (1º tempo). Só o goleiro pode entrar na área do gol. Contato físico excessivo é falta. Ganha o jogo quem marcar mais gols até o final do tempo.



Fonte da autora

Jogo de handebol



Duração da aula: 1 h 30 minutos (duas aulas)



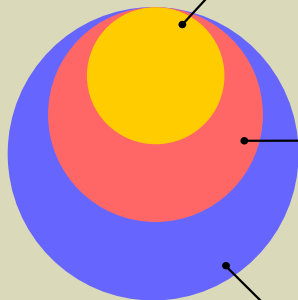
Objetivos

Participar do jogo respeitando regras construídas coletivamente e os pilares da Metodologia Callejera.

Refletir como as regras criadas favorecem a inclusão de todos, com diferentes níveis de habilidade.



Metodologia Callejera



1º tempo: criação de regras pelos estudantes.

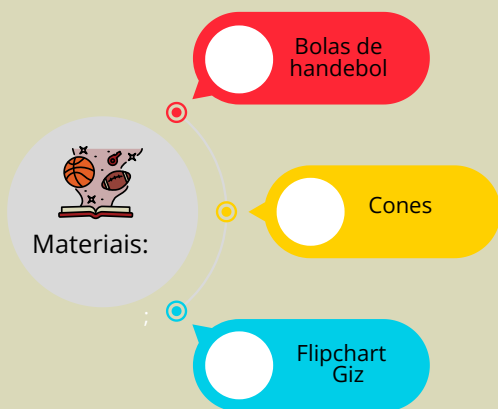
2º tempo: Jogo do Handebol e Queimada Hand, respeitando as regras criadas pelos estudantes.

3º tempo: mediação seguindo os pilares da Metodologia Callejera.



Expectativa de Aprendizagem

Espera-se que os estudantes pratiquem os fundamentos do handebol com participação ativa, promovendo cooperação, inclusão, respeito e protagonismo das meninas.



Avaliação

Avaliação baseada na observação da participação nas atividades e em roda de conversa, focando nos valores da Metodologia Callejera, como cooperação, respeito e inclusão.

Ao final das atividades, os estudantes criaram jogos autorais, exercendo protagonismo, autonomia e criatividade. O processo destacou a importância da colaboração, do respeito às diferenças e contribuiu para a inclusão e o enriquecimento das experiências nas aulas de Educação Física.

5. JOGOS CRIADOS PELOS ESTUDANTES A PARTIR DAS REFLEXÕES DO VÍDEO INVISIBLE PLAYERS

Neste capítulo, propomos uma abordagem dinâmica e participativa para a construção coletiva de jogos, incentivando os estudantes a refletirem sobre os princípios da Metodologia Callejera (respeito, cooperação e solidariedade).

Inspirados pelas aulas 1 e 2, os próprios estudantes foram responsáveis por criar seus próprios jogos, estabelecendo regras que garantissem a participação efetiva de todos.

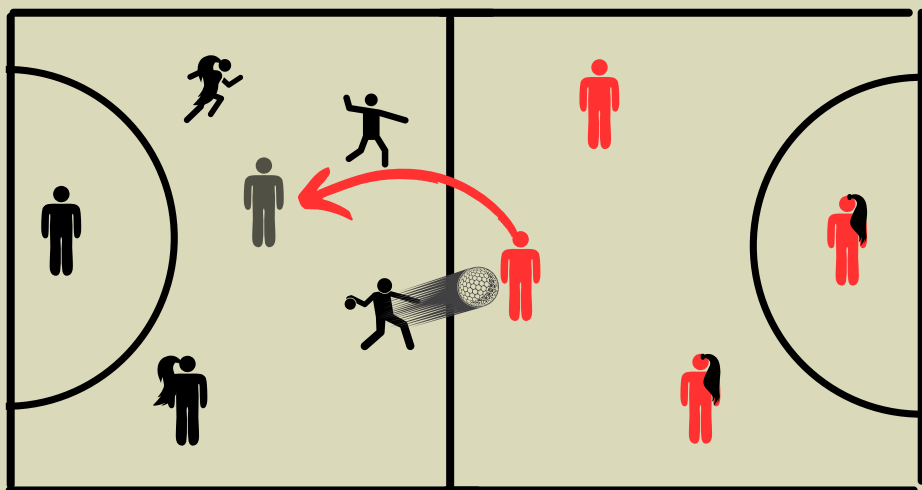
Essa proposta dialoga com a ideia de Rangel (2005), que defende que o "jogo transformado" ocorre na medida em que as crianças, ao buscarem recriar as atividades, incorporam elementos significativos para suas vivências, ressignificando e adaptando as práticas corporais de acordo com suas próprias realidades.

5.1 Bola Queimada

O jogo da Bola Queimada é uma adaptação estratégica do jogo tradicional da queimada, projetada para estimular a interação entre os participantes e aprimorar suas habilidades de cooperação e trabalho em equipe. Nessa variação, cada equipe conta com quatro ou mais participantes, sendo que um deles assume o papel de coveiro, função essencial na dinâmica do jogo. O coveiro pode passar a bola para seus companheiros ou queimar os adversários, influenciando diretamente o desenvolvimento da partida.

O grande diferencial dessa versão é a regra que determina que, quando um jogador é queimado, ele passa automaticamente para a equipe adversária, continuando no jogo contra sua equipe inicial.

Além disso, essa característica garante que nenhum estudante fique de fora, pois todos continuarão participando da atividade, independentemente de serem queimados.



Fonte da autora

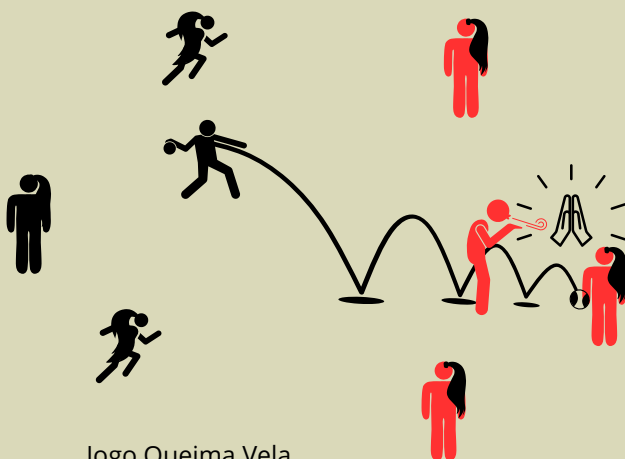
Jogo Bola Queimada

Para garantir a segurança dos participantes, algumas partes do corpo, como mãos, barriga e cabeça, não podem ser queimadas. O objetivo do jogo é transferir todos os jogadores de um time para outro. Assim, a equipe que conseguir eliminar todos os participantes do time adversário será a vencedora.

5.2 - QUEIMA VELA

Queimada Vela é uma variação do jogo de queimada em que não há delimitação de espaço, permitindo que os participantes se movimentem livremente por toda a quadra.

No jogo, o participante pode dar até cinco passos antes de lançar a bola, que só pode ser arremessada após passar por todos da equipe. Ao ser queimado, o jogador fica parado com as mãos unidas e só retorna após um colega assoprar suas mãos, como se apagasse uma vela. Vence quem queimar todos os adversários.



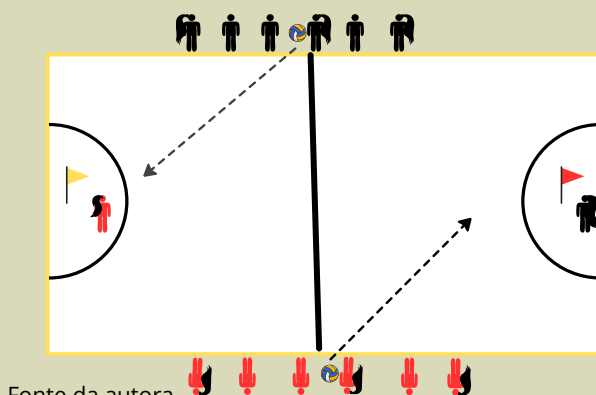
Jogo Queima Vela
Fonte da autora

5.3 - CORRA ATÉ A BANDEIRA

Este jogo combina três brincadeiras tradicionais: pega-pega, rouba-bandeira e queimada.

Divididos em equipes, cada grupo escolhe um jogador para tentar capturar a bandeira, que estará posicionada na área do goleiro do time adversário. Enquanto isso, os demais integrantes da equipe ficam posicionados nas laterais da quadra, cada um com uma bola. Ao sinal de início, o jogador escolhido deve correr até a área adversária para pegar a bandeira, desviando das bolas que são arremessadas pelos jogadores posicionados nas laterais. Assim que ele conquista a bandeira, precisa voltar para o seu campo.

Durante esse retorno, os jogadores das laterais estão liberados para sair de suas posições e perseguir o participante com a bandeira, tentando encostar nele. Se o jogador for tocado, ele é eliminado. Caso consiga retornar com a bandeira sem ser tocado, sua equipe marca um ponto. Depois disso, um novo participante é escolhido para a próxima rodada, e o jogo continua.

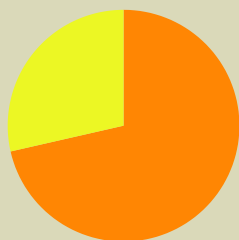


Fonte da autora

Corra até a Bandeira

6. A INFLUÊNCIA DA METODOLOGIA CALLEJERA E DAS PRÁTICAS DIVERSIFICADAS NA PARTICIPAÇÃO ESTUDANTIL

A análise dos dados do questionário final revelou resultados expressivos sobre o impacto da Metodologia Callejera e das práticas diversificadas na participação dos(as) estudantes do 7º ano nas aulas de Educação Física. A análise tratou da autoavaliação feita pelos(as) estudantes quanto à participação nas aulas de handebol, kin-ball, spikeball e flagball. Considerando o grupo geral de 18 estudantes, 10 estudantes (55,5%) se reconheceram como “muito ativos(as)” e 8 estudantes (44,5%) como “moderadamente ativos(as)”, não havendo registros de percepções de baixa participação. Esses resultados indicam um elevado nível de engajamento coletivo e sugerem que a diversidade de modalidades introduzida nas aulas contribuiu para ampliar o interesse dos(as) estudantes, favorecendo a participação efetiva de todos(as) e promovendo um ambiente inclusivo e estimulante de aprendizagem.



Autoavaliação



55,5% muito ativos(as)



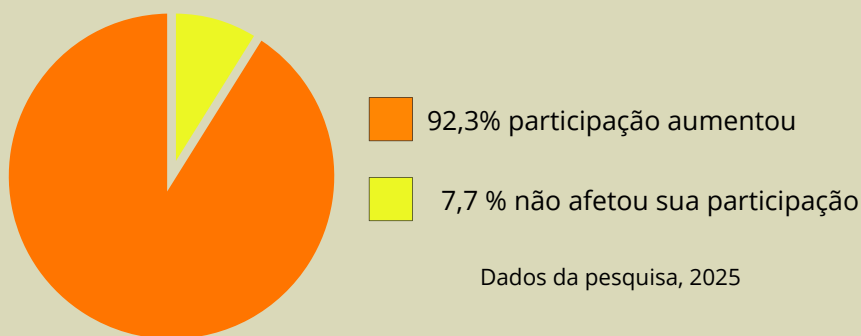
44,5 % moderadamente ativos(as)

Dados da pesquisa, 2025

Especificamente entre as alunas, 53,8% indicaram participação muito ativa e 46,2% moderadamente ativa. Entre os alunos, 80% se classificaram como muito ativos. Tais resultados apontam para um elevado nível de engajamento coletivo, indicando que a abordagem metodológica contribuiu significativamente para a promoção de um ambiente inclusivo, cooperativo e estimulante, no qual os(as) estudantes se sentiram envolvidos(as) e corresponsáveis pelo processo pedagógico.

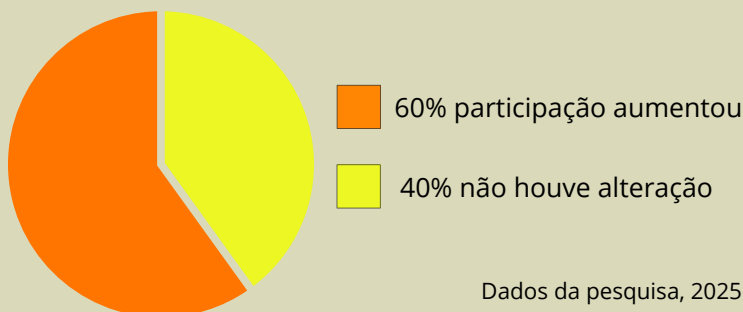
A segunda etapa da análise buscou compreender a influência direta da Metodologia Callejera na participação dos(as) estudantes. Entre as meninas, 12 alunas (92,3%) afirmaram que sua participação aumentou, enquanto apenas 1 aluna (7,7%) relatou que a metodologia não afetou sua participação. Nenhuma estudante indicou redução no seu envolvimento.

INFLUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO - MENINAS



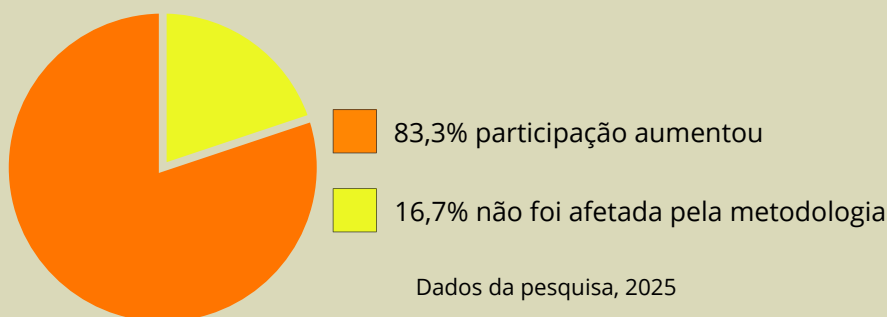
Entre os meninos, 3 estudantes (60%) afirmaram que sua participação aumentou, e 2 estudantes (40%) apontaram que não houve alteração. Assim como no grupo feminino, nenhum menino relatou diminuição de participação.

INFLUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO-MENINOS



De maneira geral, no conjunto dos(as) 18 estudantes, 15 (83,3%) perceberam que sua participação aumentou e 3 (16,7%) consideraram que não foi afetada pela metodologia. Esses resultados evidenciam a efetividade da Metodologia Callejera na promoção de práticas mais inclusivas, dinâmicas e colaborativas no contexto escolar.

INFLUÊNCIA DA METODOLOGIA CALLEJERA - GERAL



Ao analisar separadamente os dados de meninas e meninos, observou-se que o impacto positivo foi ainda mais expressivo entre as meninas, que tradicionalmente enfrentam maiores desafios de inserção nas aulas de Educação Física. A proposta da Metodologia Callejera, ao incentivar a criação coletiva de regras, a cooperação e a escuta ativa, revelou-se capaz de transformar positivamente o ambiente das aulas de Educação Física, fortalecendo a participação de todos(as) os(as) estudantes, em especial das meninas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este recurso educacional, denominado Regras que Transformam: Quando o jogo é de todos, foi elaborado com o propósito de oferecer aos professores uma abordagem inovadora e inclusiva para as aulas de Educação Física, promovendo a participação ativa de todos os estudantes, especialmente das meninas. Fundamentada na construção coletiva, no diálogo e na reflexão, a Metodologia Callejera se revelou uma alternativa pedagógica eficaz para fomentar a equidade de gênero, a colaboração e o respeito mútuo no ambiente escolar.

Ao longo do material, foram apresentados fundamentos teóricos, experiências aplicadas e planos de aula diversificados, com o intuito de facilitar a implementação da Metodologia no contexto escolar, inclusive incentivando a criação de jogos pelos próprios estudantes. A proposta permite que professores reavaliem suas práticas e transformem suas aulas em espaços mais democráticos e participativos.

Os resultados obtidos com a aplicação da Metodologia Callejera evidenciaram avanços significativos na participação dos(as) estudantes. A maioria das alunas se autoavaliou como “muito ativa” ou “moderadamente ativa”, o que demonstrou seu envolvimento efetivo nas atividades

Entre os meninos, o engajamento também foi elevado, e a maioria dos(as) estudantes reconheceu um aumento na participação após a utilização da Metodologia Callejera. Esses dados reforçam seu potencial transformador ao promover práticas pedagógicas mais inclusivas, dinâmicas e colaborativas. Espera-se que este material contribua para o fortalecimento do protagonismo feminino nas aulas de Educação Física e inspire os(as) professores(as) a refletirem sobre suas práticas pedagógicas. A essência da Metodologia Callejera ultrapassa os muros da escola, podendo impulsionar transformações em diferentes âmbitos da sociedade.

REFERÊNCIAS

BELMONTE, M. M. Fútbol Callejero: **processos educativos de uma motricidade emergente**. 2019. 513 f. Tese (Doutorado)– Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2019.

CORRÊA, N. **O ensino do Corfebol como estratégia pedagógica para promover a equidade de gênero na Educação Física escolar**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

DAOLIO, J. (2006). Cultura: **Educação Física e futebol**. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

DARIDO SC, RANGEL I. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**, 167. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2005.

DURAN. M. V. C. **A aula de educação física como reprodutora de estereótipos de gênero à luz da experiência no colégio “Inen Santiago Pérez”**– Santa Fé / Bogotá. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MARIANO, M; ALTMANN, H. Educação física na educação infantil: educando crianças ou meninos e meninas? **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 46, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645916>. Acesso em: 27 jun. 2025.

OLIVEIRA, F., MACEDO., R., SILVA., A. Fatores Associados a Participação das Alunas nas Aulas de Educação Física: Uma Questão de Gênero. **Rev. Acta Brasileira do Movimento Humano** – Vol.4, n.5. p.73-86 – Out\Dez, 2014.

ROSSINI, L; SERRANI, E; WEIBEL, M; WAINFELD, M. Fútbol Callejero: **juventud, liderazgo y participación: trayectorias juveniles en organizaciones sociales de América Latina**. Buenos Aires: G1 S.A., 2012.

VAROTTO, N. R.; GONÇALVES JUNIOR, L.; LEMOS, F. R. M. "Fútbol Callejero": processos educativos emergentes da prática social da mediação. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 91- 100, set.-dez. 2017.